Análise do jornal O Guayra durante a Revolução Federalista nos anos de 1893 a 1895

Daiane Suelyn Celso[1]
Michele Santos da Silva[2]
Universidade Estadual de Londrina, Paraná, PR

Resumo

No mesmo ano de inauguração do primeiro jornal impresso de Guarapuava, *O Guayra*, eclode no Rio Grande do Sul uma das maiores guerras civis brasileira, a Revolução Federalista. Tempo depois a revolução atingiu toda a Região Sul, envolvendo diretamente Guarapuava e sua recente imprensa. *O Guayra* era totalmente favorável à causa federalista, mas mesmo assim, pouco antes da guerra terminar, o jornal simplesmente fechou e só foi reaberto treze meses depois. A pesquisa levou em consideração a necessidade de esclarecer os acontecimentos que antecederam à criação de *O Guayra*, como a evolução cultural de Guarapuava e a criação de sua imprensa. A partir d análise de conteúdo de doze edições do jornal, foi possível concluir que o único pretexto para o período de reclusão foi a vitória do governo, que mandou exterminar todos que tinham cooperado com a causa.

Palavras-chave

Jornal; Revolução; Guarapuava

Introdução

No dia 4 de abril de 1893 nascia o primeiro jornal impresso de Guarapuava, *O Guayra*. Seu proprietário era o fazendeiro semi-analfabeto Serafim Ribas, que realizou o sonho do dinamarquês Daniel Cleve, um estrangeiro visionário que sempre lutou pelo desenvolvimento da região. Vindo da Europa por questões de cunho político e religioso, foi bastante influente na sociedade e fez do periódico um meio para manifestar suas idéias. Cleve ficou conhecido por seus textos contundentes, sendo requisitado para escrever em outros jornais, como o curitibano *Dezenove de Dezembro*.

Aos poucos, *O Guayra* foi sendo reconhecido como um dos principais jornais do Paraná e da região sul e também circulava em outros estados, como São Paulo e

[1] Jornalista. Mestranda em Comunicação Visual pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).
[2] Graduada em Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).

Rio de Janeiro. Era um jornal semanal composto por quatro páginas que, ao invés de priorizar o caráter informativo, mais sustentava as opiniões do editor e propagandas.

No mesmo ano da fundação de *O Guayra*, eclode no Rio Grande do Sul um dos conflitos mais sangrentos da história brasileira, envolvendo todo o sul do Brasil e afetando diretamente Guarapuava e sua nova imprensa. É a Revolução Federalista, uma guerra civil justificada pelo choque de ideais políticos entre republicanos e federalistas.

A guerra se desencadeou efetivamente quando o governador republicano Júlio de Castilhos foi reeleito no Rio Grande do Sul, com o apoio de Floriano. Os maragatos ainda organizaram um bloqueio no território gaúcho para exigir a deposição de Castilhos. Como não foram atendidos deram inicio ao combate. Desde inicio da revolução, os grupos opositores receberam alcunhas pelas quais foram denominados durante toda a guerra. Os republicanos eram pica-paus devido ao tipo de armamento e uniforme, e os federalistas eram os maragatos, nome pejorativo de origem castelhana, que significa pessoa desqualificada.

O conflito ficou conhecido como "revolução da degola", já que para poupar recursos grande parte das mortes ocorria por degolas.

> O certo é que de ambos os lados generalizou-se a prática da degola, forma de execução rápida e barata, uma vez que não requeria o emprego de fogo. Consistia, na sua maneira mais usual, em matar a vitima tal como se procedia com os carneiros: o individuo era coagido a, de mãos, atadas nas costas, ajoelhar-se. Seu executor, puxando sua cabeça para trás, pelos cabelos, rasgava sua garganta., de orelha a orelha, seccionando as carótidas, com um rápido golpe de faca. Os "crias' de fazenda, agregados dos senhores de terra, marginais do campo, despossuídos: foi toda uma massa coagida a lutar por interesses completamente alheios. Acostumados a obedecer, a viver na dependência de coronéis, sem opção de vida, sem terra, sem recursos, brutalizados, a população anônima dos campos executou atos cruéis e habituou-se ao crime (PESAVENTO, 1983, p. 89-91).

O Paraná foi o local decisivo da revolução e também onde houve mais vitimas e abuso das forças revolucionárias. Guarapuava foi um dos maiores mantenedores das tropas federalistas, logrando a adesão de importantes fazendeiros como Pedro Lustosa de Siqueira, Frederico Ernesto Virmond, Ernesto Queiroz, Roberto Cunha e Silva e Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, comandante da rebelião no local, denominada de "Exército Libertador" e que aos poucos foi conquistando mais adeptos - incluindo o redator do jornal *O Guayra*, Daniel Cleve. Em suas publicações haviam longas cartas

de simpatizantes que elevavam à glória os maragatos, além dos editoriais fervorosos que rebaixavam o poder republicano, ascendendo com vigor as ocupações feitas pelo exército rebelde.

Porém, durante os momentos de maior triunfo maragato, no final de 1893, o jornal *O Guayra* fechou sem anúncio prévio. Sua circulação ficou ausente por pouco mais de um ano - treze meses. Este trabalho busca entender o motivo pelo qual o jornal cessou suas publicações baseado na análise de conteúdo dos editoriais redigidos nas seis edições antes e seis edições depois do seu fechamento. Pretende-se ainda observar se houve alguma alteração nas páginas deste veículo que esteja relacionada à Revolução Federalista, que foi definitivamente derrotada em junho de 1895, no combate de Campo Osório, onde o almirante Saldanha da gama e seus quatrocentos homens resistiram até a morte frente aos republicanos, chefiados pelo coronel João Francisco Pereira de Souza.

A evolução da imprensa escrita no Brasil...

Comparado com o desenvolvimento da imprensa na Europa e nos Estados Unidos, pode-se afirmar que a imprensa escrita brasileira demorou em se estabelecer, dado pela data de sua implantação, em 1808. Sobre o desenvolvimento tardio da imprensa brasileira, Nelson Werneck Sodré explica que

> (...) a razão essencial estava nas condições coloniais adversas: o escravismo dominante era infenso à cultura e à nova técnica de sua difusão. A etapa econômica e social atravessada pela colônia não gerava as exigências necessárias à instalação da imprensa" (SODRÉ, 1966, p. 19-20).

Assim, o marco inicial do nosso jornalismo aconteceu no dia 1º de junho de 1808, por Hipólito José da Costa. Editado em Londres, onde ele vivia exilado, o *Correio Brasiliense* foi um forte combatente ao governo monárquico. Mas como a impressão de jornais ou livros eram proibidas em todo o território nacional, a imprensa escrita só foi considerada oficial após a chegada de D. João VI com a Corte Real, através do jornal *A Gazeta do Rio de Janeiro*.

> (...) a Gazeta vai publicando intermináveis relatos dos sucessos nas frentes portuguesa e espanhola, relacionando cansativos feitos dos "valorosos" soldados de Sua Majestade, pouco se dando à vida local, enquanto o Correio Brasiliense exprime uma aguda visão crítica de fatos políticos, econômicos e sociais que envolvem o Brasil (BAHIA, 1990, p. 14).

Por doze anos a Impressão Régia foi a única tipografia, permitindo à *Gazeta* ser o único jornal oficial do país. Esse quadro sofre alterações a partir de 1822, com a Independência do Brasil, quando a produção de periódicos aumenta em larga escala e vai se expandindo até o interior do país, principalmente após a primeira metade do século XIX.

E no Paraná

O Paraná pertenceu à comarca da Província de São Paulo até 1853, quando em 19 de dezembro deste mesmo ano foi emancipada – esse fato foi muito importante para o desenvolvimento do Paraná e particularmente de sua capital provisória, Curitiba. O seu primeiro presidente, o Conselheiro Zacarias Góes e Vasconcelos, sentiu a necessidade de estabelecer uma imprensa oficial para a província. Trouxe do Rio de Janeiro o tipógrafo Cândido Martins Lopes, fundador da primeira tipografia do Paraná. No dia 1° de abril de 1854 foi publicado o primeiro jornal do Estado, o *Dezenove de Dezembro*, que permaneceu em funcionamento durante trinta anos. No início sua periodicidade era semanal[3] e seu conteúdo era relacionado aos atos oficiais da administração da província. Segundo Pombo Rocha, "além da matéria oficial, o *Dezenove de Dezembro* publicava artigos variados sobre história, sobre interesses econômicos e sobre literaturas; e foi por muito tempo o único jornal do Paraná" (1980, p. 100).

Porém, após a instauração da República no Brasil, o periódico sofre com as crises políticas e não resiste à destituição do governador do Paraná, Jesuíno Marcondes de Oliveira, e acaba fechando. O *Dezenove de Dezembro* teve grande importância na historia da imprensa do Estado, não somente por ter sido o primeiro jornal, mas por ter aberto portas para a instalação de outras tipografias no interior. Em Antonina foi fundado, no ano de 1872, o *Antonina*; em Morretes surgiu o *Povo*, em 1879; quatro anos depois foi criado o *Eco dos Campos*, no município de Castro; Lapa e Campo Largo também fundaram seu jornal em 1887, o *Guaíra*; e em 1893, em Guarapuava, surgiu *O Guayra*, permanecendo por quase trinta anos.

O desenvolvimento cultural de Guarapuava

Guarapuava foi fundada em 9 de dezembro de 1819 como Freguesia de Nossa Senhora do Belém e sua ocupação ocorreu através das terras doadas por D. João VI, as chamadas sesmarias[4] - grandes lotes de terra com mais de 4.500 alqueires paulistas

[3] No dia primeiro de janeiro de 1884 o Dezenove de Dezembro passou a ser diário.

cada. Essas doações visavam povoar a região rapidamente e assim impedir que os espanhóis as invadissem.

Em 1822 a cidade já contava com 223 fazendas e uma grande diversidade de raças de gado. Guarapuava passou então a abastecer as regiões sul e sudeste, possibilitando um significativo desenvolvimento da região.

> Os guarapuavanos como tropeiros ou como prestadores de serviços às tropas de trânsito enriqueceram e passaram a ter uma vida de mais conforto e luxo, pois foi possível comprar mais escravos, construir vários melhoramentos públicos que permitiram que a freguesia fosse à vila e, posteriormente, à cidade. (MARCONDES, 1999, p. 23).

Devido à produção agrícola deste período novas estradas foram abertas. Além disso, a vinda de estrangeiros trouxe tecnologia, experiências e idéias pouco observadas anteriormente. Logo que habitaram a cidade formaram grupos e criaram grêmios e clubes. Em 1890 foi construído o Teatro Santo Antônio, que como explica o historiador Murilo Walter Teixeira (2000, p. 47), foi um espaço cultural que serviu para reuniões cívicas, literárias, conferências e apresentações musicais. A cidade exalava modernidade e a prática intelectual também evoluía gradativamente.

A sociedade sentia a necessidade de ter um veiculo de comunicação e isso aconteceu depois que o dinamarquês Luiz Daniel Cleve convenceu seu amigo Serafim Ribas a comprar uma máquina de tipografia em Curitiba, em 1891. Como Ribas era um fazendeiro muito rico, viu aí a oportunidade de criar a primeira imprensa escrita na região. Depois de um tempo as máquinas e o material necessário às oficinas do futuro jornal chegaram através de animais de carga e no dia 3 de abril de 1893 foi publicada a primeira edição do jornal *O Guayra*, dirigido e administrado por Luiz Cleve. A publicação causou grande alvoroço na cidade, conforme relata Julia de Santa Maria Pereira, através de um documento da época que registrou a ocasião:

> Causou enorme sensação e sucesso, por ser o atestado vivo de assinalada vitória contra as dificuldades superadas, pois que, Guarapuava não dispunha naquela época, nem sequer, de uma entrada de rodagem que a ligasse a outros centros civilizados do país. O transporte de máquinas e material necessário ás oficinas do jornal, operou-se por entre picadas, cortadas no ínvio da mata bravia, sobre os lombos de animais cargueiros. (PEREIRA, 1999, p. 12).

[4] Para se tornar cesteiro era necessário possuir uma certa quantidade de gado e escravos. O requisito básico previa recursos que garantissem o desenvolvimento da pecuária, além da infra-estrutura desses locais, como a construção de pontes e estradas.

O Guayra

O Guayra tinha formato Standard, periodicidade semanal e era composto por quatro páginas, cada uma era dividia em três colunas. O periódico era mais parecido a um boletim informativo, quase sem títulos, não possuindo imagens ou manchetes que chamassem a atenção do leitor para alguma matéria.

A capa ou primeira página era dedicada ao editorial, escrita pelo redator Daniel Cleve, e ocupava de uma a duas folhas. Geralmente era a parte do jornal que mais trazia informações aos leitores, retratando em terceira pessoa os acontecimentos locais ou estaduais, como as indignações quanto à falta de estrada de rodagem que ligasse Guarapuava a outras cidades ou ainda o desconsolo de Cleve com relação ao futuro incerto que a política republicana demarcava o país. Seu texto era bastante poético e pouco objetivo, como se pode observar na edição de 30 de dezembro de 1893:

> Quanto ao nosso pequeno torrão, a campina de Guarapuava, sempre ridente, sempre graciosa com suas altas coxilhas de linhas vistas, suas abundantes e cristalinas águas, seus ares puros e céo sempre azul, não há factos notáveis a registrar: os graves acontecimentos que abalam a sociedade brazileira neste momento, repercutem muito de leve na terra do Guayra, que ainda conserva o seu aspecto primitivo; a solidão, o selencio, o aspecto melancólico dos campos, imprimem nos seus habitantes alguma coisa d'aquella melancolia e impassibilidade características dos desertos.

A segunda página do jornal poderia vir com a continuação do editorial, acompanhada de telegramas ou cartas escritas pelos leitores, ou ainda uma poesia e soneto mesclados entre notas de casamento, obituário e publicações a pedido.

A folha três era dedicada ao público, com textos extraídos de livros, lembretes à sociedade sobre algum evento, assinado por alguma autoridade local. Na última coluna desta página vinha um edital com uma imensa lista de nomes com a revelação dos quarenta jurados sorteados pelo juiz local, na época Sebastião Dias Siqueira. A última página trazia, além da lista de jurados, as publicidades.

De fato, a primeira imprensa escrita guarapuavana foi marcada pela paixão de seu redator, que abraçou causas como a Revolução Federalista. Porém, pagou um preço por isso e foi condenada a mais de um ano de reclusão.

Análise das edições que antecedem o fechamento

Na edição de número 39 do dia 30 de dezembro de 1893 o editorial criticou a guerra, relatando as conseqüências por ela trazidas. É um texto melancólico, falando sobre o desejo de paz, ressaltando as grandezas brasileiras e a falta de

desenvolvimento da região. "Que com essas lutas fratricidas, que o troar dos canhões, o tinir das armas, o ruído dos combatentes, sejam trocados pelo rumorejar das machinas applicadas as industrias, pelo silvo da locomotiva (...)".

O texto também abordou sobre a censura aplicada ao jornal, impedindo-o de apresentar ao leitor fatos mais notáveis sobre acontecimentos políticos que demarcavam o conflito.

> Desejavamos, (...) apresentar aos nossos leitores uma resenha dos factos mais notáveis, e acontecimentos políticos dignos de nota, de nossa pátria em 1893, mas attendendo ás circunstancias excepcionaes em que vivemos, a rigorosissima censura applicada á imprensa, e temendo nem sempre ser-mos bem comprehendidos ou interpretados (...) preferimos abrir mão do trabalho que, em tempos mais serenos, será feito com a reflexão e imparcialidade que devem presidir a confecção de taes resumes históricos.

Na pagina três, onde as publicações eram feitas a pedido, há um texto curto não assinado, que informava que a "Festa da Padroeira" da cidade não seria realizada devido à revolução. Nas páginas seguintes não há nenhuma alteração no conteúdo do jornal, considerando que além dos doze periódicos propostos para análise foram estudados outros exemplares que antecederam à revolução.

Em 6 de janeiro de 1893, o editorial da edição nº 40 falou sobre os índios e os problemas que a cidade vinha tendo com eles. Mais uma vez, retratou os problemas das estradas guarapuavanas que acometiam o desenvolvimento local, não retratando nada sobre a revolução. Apenas na página dois saiu uma breve nota que falava da prorrogação do estado de sítio que ocorria em São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Na edição de nº 43, referente ao dia 27 de janeiro de 1894, o editorial foi iniciado com um telegrama assinado pelo Dr. João de Menezes Doria. Nele, o autor comentava que um coronel federalista foi aclamado para ser o governador provisório e que era apoiado pelo principal chefe da revolução, Gumercindo Saraiva. Desta vez, o editorial ocupa dez linhas, revelando uma noticia um tanto incerta sobre os resultados dos combates na cidade de Lapa: "Chegavam noticias vagas de um combate havido no dia 19 entre federalistas e a força composta por guarda nacionaes da Palmeira (...), sendo totalmente aniquilada a força governista".

Após o editorial, há uma carta destinada ao Daniel Cleve, assinada por Francisco Lacerda Werneck, que justificava o jornal como uma folha neutra. A carta falava de seu "fervoroso e dedicado affecto para aquelles bravos que se têm abatido

com denodo e vitoriosamente no solo Rio-Grandense", deixando óbvia a sua posição política. Werneck comentou sobra as falsas notícias dadas pelo governo de que as forças republicanas estavam destruindo as federalistas, definindo-as como "maiores calumnias". Na verdade os dois lados mentiam, pois queriam manter-se superiores uns aos outros. O interessante é que não há nenhuma nota publicada pelo governo, apenas pelos federalistas. Assim, é questionável "a neutralidade de vossa folha", como escreveu Werneck.

Na página dois há uma sessão denominada, em letras garrafais, "noticiário". Nela, o editor e redator preocupou-se em dizer sobre a necessidade de acompanhar os dois lados do conflito a fim de repassá-los com precisão aos leitores. As notícias eram transmitidas ao jornal via telégrafo. Assim, são relatados acontecimentos triviais da guerra, como boatos sobre suposta vitória, morte de algum importante personagem do conflito, sem muita apuração dos fatos. O noticiário era um texto corrido, sem títulos, um aglomerado de informações republicanas e maragatas sem aprofundamento. Salvo a página que segue às últimas linhas desta página, que falava sobre a chegada de Gumercindo Saraiva à Curitiba e sua ida à Lapa.

> "Sabbado. 20 de Janeiro, Gumercindo Saraiva entra com seu estado maior na capital do Paraná, sendo entusiasticamente recebido. Gumercindo Saraiva segue para Lapa. Até hontem 26, não há nada de notável".

O noticiário segue até a página três, que em seguida apresenta obituários, casamentos e editais, sem qualquer contexto com a guerra.

No editorial de 8 de fevereiro de 1894, foi mencionada a falta de notícias sobre os últimos acontecimentos. É valido ressaltar que as tropas federalistas estavam sitiadas na Lapa. Cleve, desta vez, também foi breve mas não deixou de lembrar os leitores sobre a comissão de empréstimos estipulada pelo governador provisório, que era federalista. Publicou à Guarapuava a quantia de "vinte conto de reis", deixando claro que o empréstimo não deveria ser recusado, já que o "pedido" era proveniente do governo, conforme segue trecho extraído do jornal: "As deliberações da commissão tem força da lei, e ninguém pode recusar-se ao empréstimo que deve realizar-se ate o fim do corrente mez".

Na página dois, com o título "A Paz", Ozório de Araújo escreveu um texto bastante lírico, descrevendo todas as tristezas trazidas pela guerra. Porém, justificou que se tratava de uma causa nobre. Referindo-se à guerra, escreveu "mas agora, não é

só no sul, é no centro, é no norte do Brasil que é vaga a tua presença. O fumo dos canhões envolve tudo; tarja de negro a vida da nação".

Já no título "Festejos Políticos", o que foi publicado tratava-se das comemorações feitas na capital paranaense devido à sua tomada pelos maragatos. O texto ocupou metade da página.

> No dia 18 do mez próximo findo corria a noticia da tomada da capital de nosso Estado pelos heróicos federalista ao mando do invicto general Gumercindo Saraiva, cuja nova foi conformada a 19. A noite d'este dia crescido numero de cidadãos de todas as classes sociais compareciam à casa da residência do distincto federalista Dr. Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, manifestando seus sentimentos da vida satisfação pela libertação do nosso charo Paraná, do jugo tirânico d'aquelles que, apoderando-se à força armada das rédeas do governo em Novembro de 1981, conduziam não só o nosso extremido Paraná como o Paiz inteiro para o insondável abismo da desgraça em cujo tumulo permaneceriam para sempre a honra da grande família Brazileira apar com a lei prostituída!

A próxima edição analisada, de nº 45, dia 10 de fevereiro de 1894, trouxe em seu editorial a informação de que o trabalho da comissão encarregada de arrecadar o empréstimo havia terminado. Disse também sobre a carência de notícias, mas afirmou que em Guarapuava e região tudo estava tranqüilo.

Na página dois um leitor que não se identificou publicou uma nota sobre os festejos ocorridos na casa de Werneck, ressaltando o discurso feito por ele. "Dr. Werneck fez um brilhante resumo das causas e intuitos da revolução, concluindo pela sua legitimidade e necessidade. Também: só tiveram lugar nos dias 19, 20 e 21 os festejos".

Na última das seis edições analisadas antes do fechamento do *O Guayra*, referente ao dia 18 de março de 1894, há uma poesia no lugar do costumeiro editorial que homenageia o exército libertador, ocupando praticamente duas colunas. Em seguida, sob o titulo "Batalhão V. de Guarapuava", Honorina Martins de Araújo informou sobre todas as conquistas do batalhão, contando sobre o apoio que os guarapuavanos deram às tropas na cidade. "Muitas pessoas teem corrido a fazer offertas de animaes cavallares, gado, armas e manutenção emquanto aqui estiver". Após esse trecho há apenas uma lista de nomes, acompanhados por definições de "1ª Companhia até a 4ª Companhia". Não há indícios sobre o que se tratava, mas tudo indica que esses nomes eram as comissões responsáveis em arrecadar o dinheiro imposto à Guarapuava, como pagamento dos custos da revolução.

Análise das edições após a reabertura do jornal

> Ao encetar de novo a publicação d', "O Guayra", interrompida há mais de um anno por causa dos lamentáveis acontecimentos que se deram na calamitosa quadra que o nosso Paraná acaba de atravessar, corre-nos o dever de dirigir algumas palavras ao benévolo publico quetão favorável acolhimento deu ao despretencioso periódico, cujo berço é um dos mais atrazados e longínquos municípios do Paraná. Pretendiamos adiar para mais tempo o reaparecimento d' "O Guayra", aguardando a época do completo restabelecimento da paz em todos os Estados de nosso caro Brasil, mas, acoroçoados por pedidos e palavras animadoras de muitos de nossos Leitores, accedemos ao convite, e de novo entramos na arena jornalística, pedindo a proteção de todos os que se interessam pela prosperidade do futuros município de Guarapuava, e do Estado do Paraná.

Foi assim que Daniel Cleve iniciou seu editorial no dia 14 de abril de 1895, na primeira edição desde o fechamento do jornal. O incrível é que seu texto, que ocupa pouco mais de uma página, não fez qualquer menção sobre o motivo pelo qual *O Guayra* ficou temporariamente fora de circulação.

Seu jornal agora propõe "advogar os interesses de Guarapuava", conforme segue o texto:

> (...) quanto couber na limitada esphera de um pequeno jornal de um dos pontos mais remotos do Estado, intervir na propagação das idêns úteis e modernas, em sociologia, economia, política, instrucção, de preferência d'aquellas, que tem relação directa com as principaes industrias do Paraná.

Não comentou nada sobre a revolução federalista, seus resultados, as mortes promovidas por Floriano que alegou que a justiça era feita sobre os traidores da nação. Para um fato tão importante na vida de um periódico, o texto de Cleve foi muito coloquial. Seguiu falando do aumento dos materiais para a confecção do jornal, justificando a elevação dos preços das assinaturas. Concluiu que a imprensa escrita que não tratava de política geral e local não agradava muito os leitores, afirmando mais à frente que:

> Não entraremos em apreciações sobra as causas, que seria fácil indicar, mas diremos que banindo das paginas do jornal os assuntos políticos e admitindo pouca literatura, ficamos adstrictos aos assuntos de verdadeiro interesse para as classes industriaes, e aos negócios da administração local, e isto ainda dentro de uma esphera limitadíssima, poi ninguém ignora o atraso em que vivemos, limitando-se as industrias deste município a uma única, a industria

> pastoril, faltando-nos o essencial, as vias de communicação, sem o que não há outra industria que possa desenvolver-se e florescer.

Na edição nº 2 de 21 de abril de 1895, o editorial mais uma vez não fez qualquer comentário acerca dos assuntos de interesse da pesquisa. Houve um titulo grafado como "O Fim do Século XIX" que abordava os conflitos existentes entre o poder real inglês, denominado por ele como déspota, e o povo que se rebelava, lutando por justiça social. Isso pode remeter a uma mensagem subliminar relacionada aos fatos ocorridos anteriormente em território brasileiro, mas as evidencias são vagas.

> Nunca, em época alguma, o rei imperou de maneira mais despótica e geral. Vacilla em suas bases a harmonia dos elementos sociaes, cujo justo equilíbrio é cada vez mais perturbado pelo egoísmo de certas classes.

As duas edições seguintes também nada publicaram sobre fatos relacionados ao conflito ou ao motivo pelo qual o periódico permaneceu por treze meses em silêncio. No últi exemplara estudado, correspondente á data de 18 de maio de 1895, a coluna "Noticiário" comentava o recebimento de um jornal curitibano, O Centenário. Cleve fez menção a nova geração de jornalista, relembrando com nostalgia os anos que antecederam o período.

E foi só, não houve mais nenhuma citação relacionada aos fatos que correspondessem à revolução ou algum dado que ajudasse a esclarecer o porquê do fechamento de *O Guayra*. O que fica evidente é que o jornal, antes tão combatente, tão cheio de coragem, passou a sentir medo. Omitiu, pelo menos de forma escrita, uma informação que ajudaria a esclarecer um pedaço importante da história da imprensa de Guarapuava e do Paraná.

Na análise, não foi suprimida a idéia de que o motivo do fechamento do jornal fosse tão óbvio que Cleve achou digno de não publicá-lo. Pode ser. Mas ao que se sabe, não há nenhum documento registrado que indique o que passou. Há hipóteses, bastante óbvias, mas que não deixam de ser suposições.

Considerações finais

A chegada da imprensa no interior brasileiro foi tardia. Todo o percurso que ela levou até atingir Guarapuava, através dos lombos das mulas transportadoras em estradas precárias, indica que esse processo não foi fácil. O exercício maior era implantar um jornal numa cidade agrícola, com gente simples e analfabeta.

Em exercício, esse jornal tão aguardado pela sociedade guarapuavana se envolveu com questões políticas e, por longos meses, mostrou-se totalmente a favor da causa que era contra o governo.

Nas seis primeiras edições analisas antes do encerramento de *O Guayra,* pode-se constatar que os textos de seus editoriais eram atrevidos, parciais, repletos de carga ideológica. Mas que veículo de comunicação não é? A política sempre foi e continua sendo o espírito que agrega os numerosos vieses da sociedade, e com o primeiro jornal de Guarapuava não foi diferente. Era declarado em letras impressas o seu apoio à Revolução Federalista. Conforme o conflito seguia seu infeliz percurso, as vitórias e derrotas eram ali descritas por Daniel Cleve e seus colaboradores.

O auge da guerra se aproximava, assim como sua súbita derrota, levando consigo o abate dos revolucionários, o silêncio das palavras, a ausência da imprensa escrita que só reapareceu como um espectro, após longo e sombrio período. O que levou a essa reclusão?

As seis edições referentes à reabertura do jornal, vistas como resposta chave dessa pergunta, pouco esclareceram o motivo. Desta vez, os editoriais desviaram temas relacionados à política.

O primeiro texto de Cleve comentou sucintamente a nova linha editorial do periódico, demonstrando sua preocupação em trazer aos leitores assuntos mais contemporâneos. Na última edição analisada, averiguou-se uma menção sobre o conflito que havia ocorrido em tempos remotos, com palavras que expressavam nostalgia e otimismo. E nada mais.

De acordo com dados históricos que retratam a Revolução Federalista, após o governo de Floriano Peixoto eram mortos todos aqueles que haviam apoiado a causa. Isso é evidenciado em Curitiba, com Ildefonso Pereira, conhecido também como o Barão de Serro Azul. Ele e seus companheiros, encarregados de arrecadar fundos para manter as tropas federalistas em troca de paz, foram friamente assassinados pelos soldados de Floriano, enquanto acreditavam que iriam embarcar para o Rio de Janeiro a fim de serem julgados pela suposta traição ao governo.

Essa caça aos traidores da nação pode explicar o súbito desaparecimento do jornal *O Guayra*. Caso seja esse o real motivo do silêncio, é totalmente compreensível, pois demonstra que ninguém estava isento do perigo que ainda poderia pairar sobre os escombros da guerra. Mas se esse dado corresponde ou não à verdade, ninguém sabe.

Infelizmente, Cleve e seu jornal nada deixaram para concluir esta pesquisa, mas as evidencias apontam para uma censura. O medo de morrer ou de perder a liberdade de expressão ou de imprensa pode ter levado o jornal a se calar. Os dados não são muitos, mas com as análises, tudo leva a crer que o silêncio foi a melhor forma de salvar as palavras impressas do primeiro jornal de Guarapuava.

Referências bibliográficas

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*: história da imprensa brasileira. 4 ed. São Paulo: Ática, 1990.

BONES, Elmar & RUAS, tabajara. *A cabeça de Gumercindo Saraiva*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CARNEIRO, David. *O Paraná e a revolução federalista*. 2 ed. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte; Indústria Gráfica Gonçalves, 1982.

FLORES, Moacir. *1893-95:* A revolução dos maragatos - coleção histórica 1. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

IZIDORO, F. Heitor. *Guarapuava:* das sesmarias a Itaipu. Curitiba: Vicentina, 1976.

MARCONDES, G. Gracita. *Guarapuava*: história de luta e trabalho. Guarapuava: UNICENTRO, 1998.

PEREIRA SANTA MARIA, Júlia. *A imprensa em Guarapuava*. Monjolo, Guarapuava, v.1, n. 1, p. 11-16, out. 1999.

POMBO ROCHA, José Francisco da. *O Paraná no centenário (1500-1900).* 2 ed. Rio de Janeiro: Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1980.

SODRÉ WERNECK, Nelson. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TEIXEIRA W, Murilo. *Contingente guarapuavano*: transição político-social. Monjolo, Guarapuava, v.1, n.5, p. 26-33, jun. 2000.